

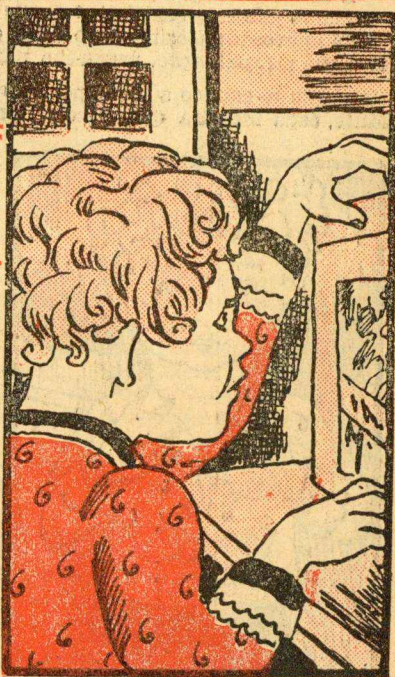


SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

OS DEFEITOS DO ZÉZINHO

POR VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



O Zézinho era um menino muito lindo, com caracóis loiros, pele rosada, olhos azuis, dentes branquinhos.

A-pesar-de tanta lindeza, tinha dois grandes defeitos o nosso amigo Zézinho.

Tão grandes eram eles que quem os conhecia, não achava o Zézinho assim tão lindo como a aparência o mostrava!

Adivinharam já, por acaso, quais são os tais enormíssimos defeitos que tornavam tão feio um menino tão bonito?

Vamos desvendar o primeiro; e dizemos o primeiro porque este ainda nos parece mais feio do que o outro!

Daquela boquinha, que mais parecia um botão de rosa, não saíam senão mentiras!

— «Ó Zézinho — dizia-lhe a mãe — a marmelada está boa?»

— «Está azeda, azeda... que nem vinagre!»

Uma grande pêta, porque a marmelada era doce, tão doce que até enjoava por causa da data de açúcar que a Maria cozinheira lhe deitara.

— «Ó Zézinho, calçaste os sapatos?»

— «Não calcei, porque a mana mos escondeu. Não sei onde eles param!»

Outra pêta enorme, porque os sapatos estavam aos pés da cama e a mana do Zézinho, muito boa menina, não era capaz de fazer aquela maldade.

— «Ó Zézinho, que notas tiveste no colégio?»

— «Tive dezoito em desenho, dezoito nò ditado e vinte na leitura.»

Esta, então, era de respeito!

O Zézinho nem por isso estudava lá muito e, até ali, nunca passara dos dez e dos dōze valores.

Já se vê que estas mentiras tōdas, faziam ferver o sangue à mãe, mais ao pai.

Conselhos, ralhos, castigos, não conseguiam emendá-lo!

Falemos, agora, do outro feio defeito que também concorria tanto para desfeiar o lindo Zézinho!

O herói da nossa história gostava muito de bolos, como todos os meninos que têm bom gosto mas a gulodice do Zézinho era demasiada!...

Achava sempre poucos os bolos que a mãe lhe dava ao lanche, que era uma boa mancheia deles!

E vai, o que fazia aquele maroto?

Muitas vezes, às escondidas, tirava alguns da caixa onde a mãe os guardava. Comia-os, à pressa, julgando que ela não dava por isso, mas havia sempre uma migalhinha comprometedora, caída no fato ou no queixo, que o atraioava!

E, depois, a caixa estava tão vazia!...

A senhora ficava muito triste com o procedimento do filho e, para lhe fazer ver a sua maldade, perguntava-lhe, a miude:



— «Zezinho, não comeste nenhuns bolos, fora os que te dou ao lanche? Confessa lá!...»

— «Isso sim, mãizinha! Porque havia eu de os comer!?»

Mas, mal apanhava a mãe distraída, o lambão do Zezinho metia a mão na lata e surripiava, ao acaso, o que podia.

Um dia, a senhora parou na cozinha com a Maria cozinheira e, entre as duas, resolveram qualquer coisa importante.

A' hora em que o Zezinho, pé ante pé, ia aos bolos, a voz da mãe perguntou-lhe, de longe:

— «Zezinho, tu estás a mexer na lata dos bolos? Responde lá!»

— «Eu não, minha mãe! Que ideia!» — respondeu, muito depressa, o Zezinho que, nesse momento, pela tampa entreaberta da caixa remexia, lá dentro, intrigado por não achar um único bolo!

— «Anda cá! Tenho aqui um bonito novo para ti!» — tornou a voz da senhora.

— «Um bonito novo?! Que grande pechincha!»

Sem mais se lembrar dos bolos, Zezinho largou a caixa.

Mas, ao olhar para as mãos, viu os dedos tão pretos como se por cima deles se tivesse entornado um tinteiro.

Correu para o lavatório, lavou-os, tornou a lavá-los, enquanto a mãe, impaciente, continuava a chamá-lo.

E as mãos sempre pretas!...

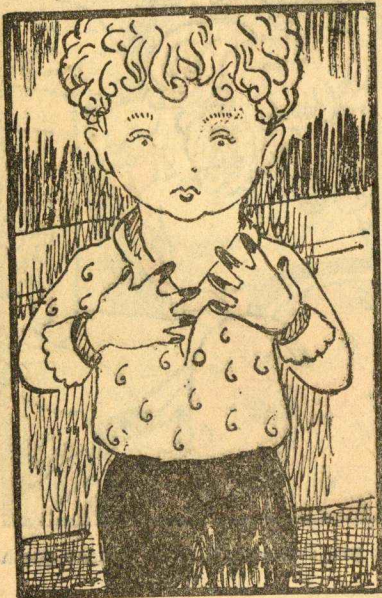
Aquilo não saía com água! O que seria?...

Já apavorado, Zezinho não sabia que pensar, quando a mãe apareceu e, ao ver a sua atrapação, pegou-lhe nas mãos e disse-lhe, convicta:

— «Eu te explico a razão porque assim os tens. Meu pobre filho, daqui em diante, cada mentira que disseres, cada guloseima a que não possas resistir, vai-te tornando preto! Hoje foram os dedos, amanhã será a cara, depois o corpo todo!... Que horror! Que horror!»

E a senhora fingia, muito bem, estar aflitíssima.

— «Mais preto do que café,
fica o menino Zézé!
De tão branquinho que é,
fica um preto da Guiné!» —



gritou uma voz, vinda da cozinha, e que não era outra senão a da Maria cozinheira, que também entrara na conspiração.

Envergonhadíssimo, o Zezinho não sabia onde se havia de meter!

A' mesa, todos se riam, troçando-o, ao vê-lo servir-se com dedos tão pretos nos pratos tão brancos!

A muito custo, com o correr do tempo — porque a mãe assim o quis! — os dedos voltaram à sua cor normal.

Foi daí que o Zezinho, cheio de terror, nunca mais abriu a linda boquinha senão para dizer verdades.

Quando, por acaso, sentia desejos de pregar a sua pêta, olhava para os dedos, agora tão brancos, com medo que eles escurecessem.

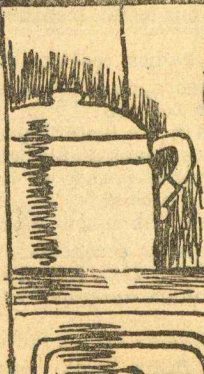
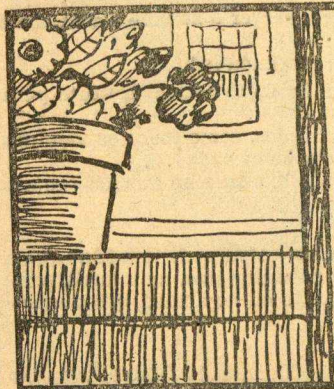
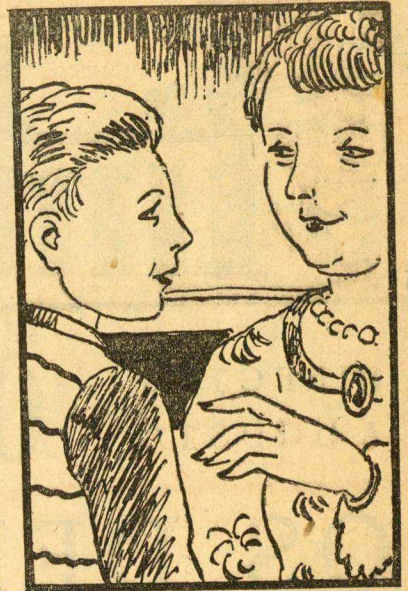
Já um homenzinho, completamente curado dos defeitos que tanto o desfeizavam, o Zezinho causava admiração, pois juntara à sua beleza tôdas as qualidades, e uma delas era a de ser verdadeiro como mais nenhum!

Foi, então, que, ainda intrigado com o caso sucedido na sua meninice, pediu à mãe que lho explicasse e

soube como a senhora espalhara nitrato de prata dentro da caixa dos bolos.

e assim puzera o Zézé
como um preto da Guiné.

F I M



O EXERCÍCIO

POR
MANUEL PEREIRA

HAVIA, numa escola primária da capital, dois alunos, chamados Carlos e Abel.

Ambos exemplares na frequência e aproveitamento, eram, contudo, diferentes. Carlos era dotado das melhores qualidades de carácter; porém o companheiro era completamente o contrário: O primeiro procurava triunfar por meios justos mas Abel pretendia subir à custa do esforço dos seus camaradas.

Carlos era melhor no aproveitamento do que Abel. E éste, com as suas péssimas qualidades, considerava o colega como um rival.

Carlos, não obstante tudo isto, era amigo dedicado de Abel.

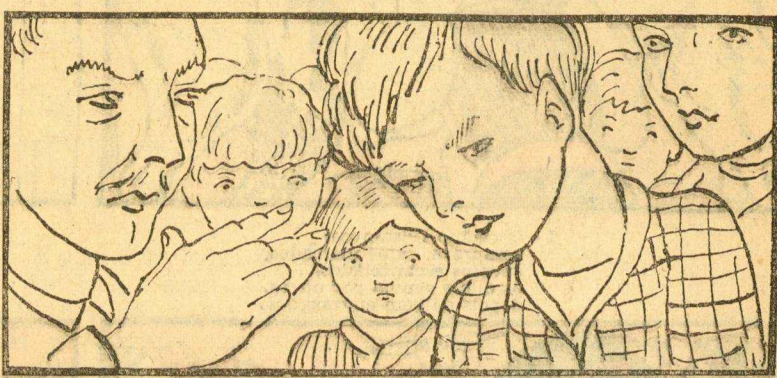
Ora, uma tarde, o senhor professor deu à classe um exercício de redacção sobre geografia e história de Portugal. Esse exercício seria feito em casa e deveria ser o mais original possível.

tos, redigiu-os, deu-lhes forma e apresentou ao professor um trabalho de valia.

O professor elogiou-o muito, apon-

O professor, então, para tirar conclusões deste incidente, disse;

— «Meu caro Abel, quando nós na vida quizermos subir, devemos pro-



Carlos procurou bastantes elementos-o à classe como um exemplo e deu-lhe uma boa nota.

Ora o nosso Abel, que apresentou um exercício horrível pela forma, não pôde levar à paciência que o professor elogiasse o seu rival. E, levantando-se, colérico, exclamou :

— «O Senhor professor dá licença?... Esse exercício não é original. Foi copiado pelos livros.»

Todos os alunos seguiam, interessados, o que se ia passar. Calcularam logo que a acusação era falsa. E ouviram Carlos dizer :

— «Nesse caso, Abel, mostra lá os livros por onde eu copiei.»

Aqui é que foram elas ! Envergonhado, Abel pôs-se a tartamudear não conseguindo provar a acusação.

curar não atropelar ninguém. É incorrecta a maneira como tu tens procedido. Agora mesmo não pudeste conformar-te com o facto de o exercício de Carlos ser melhor do que o teu. E acusaste-o falsamente. Pois bem, hoje mesmo levar-te-ei a casa de teu pai para que êle proceda como entender.»

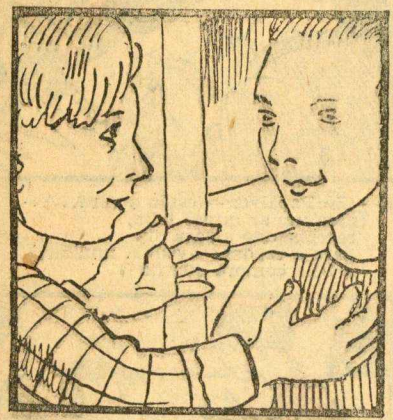
Abel tremia como varas verdes.

Então, Carlos, bom e generoso, pediu ao professor que desculpasse o gesto do mau colega.

A comoção dos alunos aumentou quando, visivelmente impressionado, Abel correu para Carlos, abraçando-o e pedindo-lhe perdão pela sua calúnia.

Daí em diante, Abel, emendando-se, tornou-se, além de bom aluno, um dedicado amigo do seu condiscípulo.

■ ■ F I M ■ ■



MAIS UMA DESCOBERTA DO CARLITOS

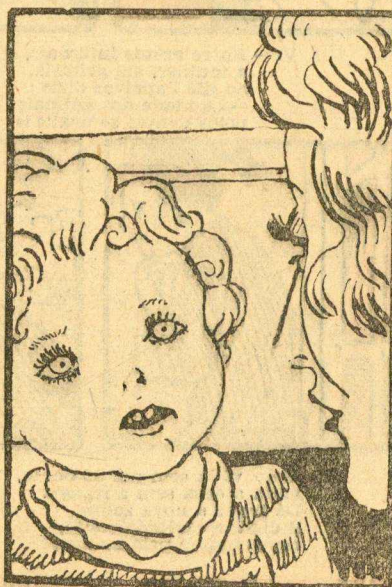
POR
ANIBAL NAZARE

O Carlitos, muita vez, vem com cada descoberta, que, lá em casa, a família, nem chega a sentir quizilia e fica de boca aberta!

Há tempos, — talvez um mês, o pequeno, interessado, chegou, logo de manhã, junto à mamã, e disse, penalizado:

— «Que pena eu tenho dos negros, que vejo a meio da rua! Que triste sorte é a sua, até que a morte os livre de tal sofrer!»

E a mãe, sem compreender, perguntou: — «Porque razão



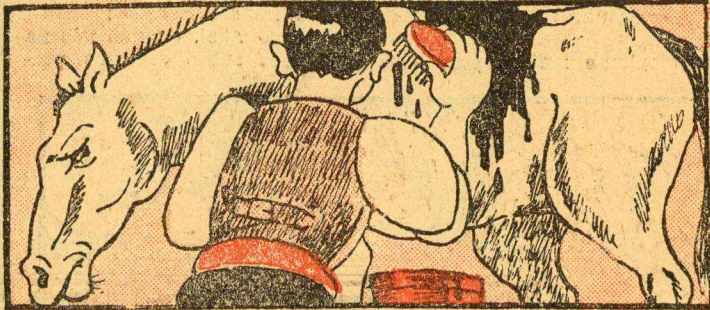
é que tu pensas, então, que os negros hão-de sofrer?»

— «Pois a mǎizinha não vê?... A nódoa negra que eu tenho, dêste tamanho, doe-me, doe-me, a mais não ser! Já vê, então, como não hão de sofrer os pobres negros, coitados, que teem o corpo inteiro mais negro do que o carvão!»

Perante esta descoberta, a mãe, pasmada, não disse nada, mas ficou de boca aberta!..

■ ■ F I M ■ ■

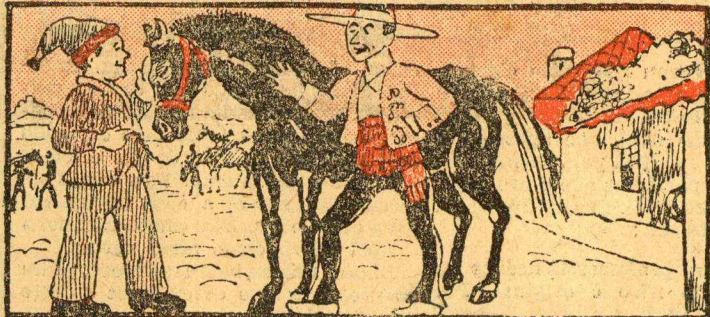
HISTORIA DO ZÉ PAPALVO



I - O cigano «Pisa-ovos» comprava, pelos mercados, cavalos escanzelados, os quais vendia por novos, depois de bem engraxados.



II - «Zé Papalvo», um certo dia, incitado pela esposa, vai à feira de Sabrosa, onde comprar deveria uma égua mas fogosa.



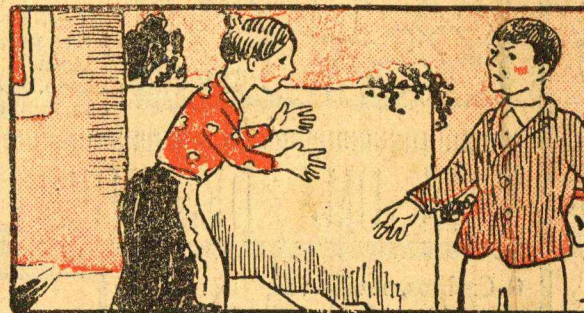
III - Após andar uma légua, chega à feira, finalmente, onde o cigano, contente, lhe impinge uma linda égua com um aspecto excelente.



IV - «Zé Papalvo» - (estão a ver?...)- com um ar muito feliz, regressando a casa diz para a esposa: - «Olha, mulher, a bela compra que fiz!»



V - Mas, dias após, com mágoa, e entre grande escaramuça, arreganhando a dentuça, a égua, apanhando água, desbotou e fez-se russa.

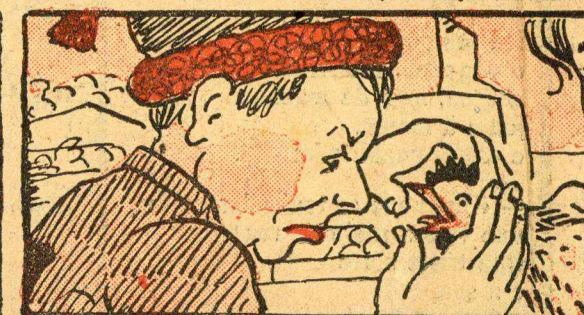


VI - Entre gestos infernais, a mulher, em gritaria, ao «Zé Papalvo» dizia: - «A idade dos animais pelos dentes se avalia!»

VII - No dia seguinte à zanga, recomenda a companheira: - «Vai comprar à galinheira para o jantar, uma franga, mas vê, não faças asneira!»



VIII - «Zé Papalvo», no mercado, já com a franga na mão, ante a recomendação da esposa, tem o cuidado de lhe ver a denticção.



IX - E ao vê-la sem um só dente, volta a casa sem a franga. Dá lugar a nova zanga. E diz-lhe exaltadamente, repuxando-o pela manga,

X - a mulher em barafusta: - «Grande parvo. uma galinha pelo péso é que se ajusta; volta lá, vê quanto custa e traze, também, farinha.»

VO COMPADRE ZÉ BENTO, avarento e BERNARDO TECELÃO, loução

POR LEONOR DE CAMPOS



compadre Zé Bento era um homem rico, muito rico mas avarento a valer.

Passava uma vida de martírio. De manhã à noite, ralhava, praguejava, arrepelava-se.

Por isso, parecia já velhote, embora tivesse pouco mais de quarenta anos.

E porque razão se desesperava o compadre Zé Bento? Por isto, apenas:

A seu lado vivia o Bernardo Tecelão, um homem já de certa idade mas que parecia rapaz, no seu ar desempenado, sempre alegre e bem disposto.

Ora, o Bernardo Tecelão tinha sido, em tempos, um modesto operário na fábrica de fição da vila. Mas, graças ao seu trabalho e à sua economia — sem nunca se mostrar avaro — conseguira comprar uma linda casinha com pequena quinta anexa, que lhe dava bem para viver sem cuidados. Depois que lhe morrera a mulher, contratara um criado, para não estar só. E os dois cavavam, limpavam, cultivavam a quinta, sem mostras de desânimo e sempre com boa disposição.

Pois com o compadre Zé Bento o caso era bem diferente.

Nascera rico. Tinha várias propriedades e dinheiro ao canto da arca. A-pesar-disso, ralava-se e

afligia-se porque, segundo êle dizia, os criados roubavam-no, eram preguiçosos e indisciplinados. E era por êste motivo que êle passava a vida a ralhar. Muitas vezes perguntava a si próprio:

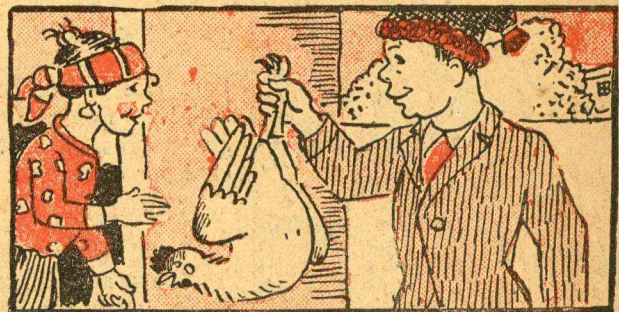
— «Porque será que o Zé Tecelão, com tão poucos rendimentos, vive sem cuidados e é querido pelo criado, enquanto eu, que tão rico sou, passo a vida a mudar de serviçais e não consigo encontrar um que me satisfaça?»

O compadre Zé Bento não podia compreender. Até que um dia tirou-se dos seus cuidados e resolveu fazer a pergunta ao vizinho.

Êste pensou um pouco e respondeu:

— «O senhor compadre quere que eu seja franco?»

— «Decerto, homem. Se não esperasse que me falasses com a maior franqueza. não te teria procurado!.. »



XI — Bastam cem gramas, ouviste?... Vai depressa e cautelinha, não faças figura triste. Cem gramas somente, insiste a mulher do patetinha.

XII — E, meia hora passada, de regresso, ei-lo que vem, ostentando uma pesada e gorda franga mas sem a farinha encomendada.

XIII — «Mas porque não a trouxeste?» diz-lhe a mulher exaltada. — «Foi pelo que tu disseste. Não tem farinha que preste. Cem gramas não pesam nada!»

ANEDOTA

PARA OS MENINOS COLORIREM

Um pai para o filho, mostrando-lhe a conta do colégio:

— «Nunca imaginei que os estudos custassem tão caros!»

— «E, ainda assim, Papá, sou eu um dos que estudam menos.»



No hospital:

— «Aquele, pode mandá-lo enterrar que já está morto, (diz o médico ao enfermeiro, apontando a cama de certo doente:)

— «Não estou morto, estou vivo!» (clama o enfermo, deitando a cabeça fóra do lençol.)

— «Cale-se, seu bruto» — interveem por sua vez, o enfermeiro, — «Então você quer saber mais do que o senhor doutor?!»



No escritório de um advogado:

— «Desejo divorciar-me, doutor, porque minha mulher trata-me como um cão e exige que trabalhe como um cavalo.»

— «Pois, meu caro, eu entendo que a melhor coisa que o senhor tem a fazer é queixar-se à Sociedade Proctetora dos Animais.»



Calino é chamado a tóda a pressa para fotografar um morto.

Depois de colocar a máquina e dis-

— «Pois então lá vai e perdôe o senhor compadre se as minhas falas lhe não agradarem: Sabe qual é o segredo para viver bem com o meu criado? Êste, apenas: Dar-lhe boa cama, boa alimentação, bom ordenado e não o obrigar a trabalhar mais do que êle pode.

Ora, é assim que o senhor compadre procede com os seus criados? Está visto que não. Os desgraçados trabalham de sol a sol. A cama é ruim. A comida parece lavadura para porcos. E quanto a ordenado. . . eu cá não sei nada. . . são êles que o dizem. . . mas. . .»

E o Bernardo Tecelão, embaraçado, desatou a coçar a cabeça.

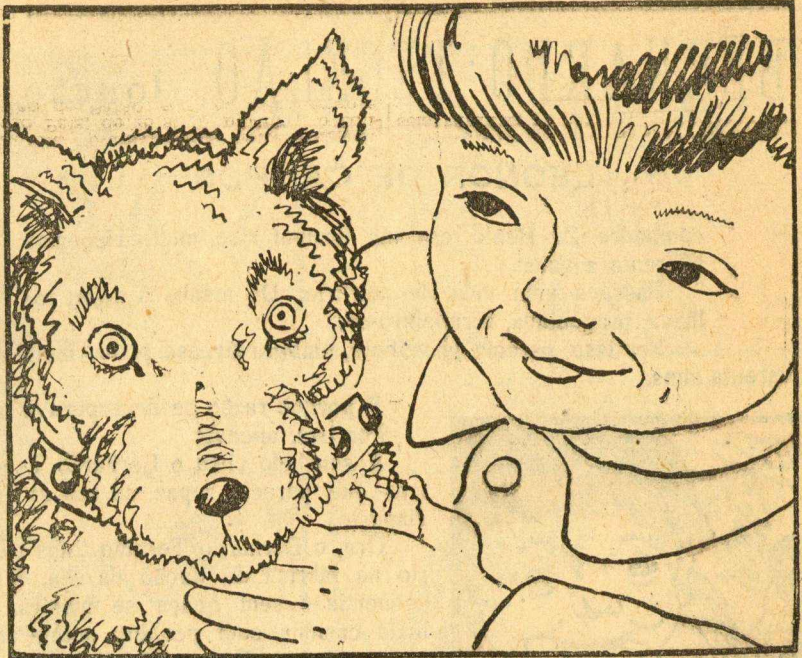
O compadre Zé Bento ficou pensativo e um tanto embatucado. Mas, por fim, retorquiu:

— «Talvez tenhas razão. E, já agora, vou experimentar o teu sistema. Custa-me bastante, lá isso é verdade! . . . Não, que o dinheiro é sangue! . . .»

— «Nada disso, senhor compadre — disse, alegremente, o Bernardo Tecelão. — O dinheiro é muito bom mas para os que o sabem gastar. Para que lhe serve a si aquele que guardou ao canto da arca? Para nada! . . . Ponha-o, o senhor, a girar, faça-o render, dê-o ou empreste-o aos pobres, pague bem aos serviçais e verá que a sua vida se modificará por completo! . . .»

Passaram alguns meses. O compadre Zé Bento, embora a muito custo, seguiu o conselho do Bernardo Tecelão.

E, agora, tudo mudou. Os criados trabalham alegremente. O dinheiro saiu da arca e, a correr, a girar, cumpre o seu dever. E o compadre Zé Bento já ri e conversa, não ralha, não se arrepele e tornou-se o melhor amigo do Bernardo Tecelão.



pôr o foco, o retratista volta-se para o cadáver e exclama:

-- «Cuidado! não se mecha!»



À mesa num dia de festa: Um menino de casa, que não sabe estar calado, exclama:

— «Olhe, mamã. . . E foi exatamente um dos copos que o papá comprou na feira da ladra!»

Patrocínio do Rosário Dias.
(Castelo Branco)

CHARADAS EM FRASE

Solução das anteriores:

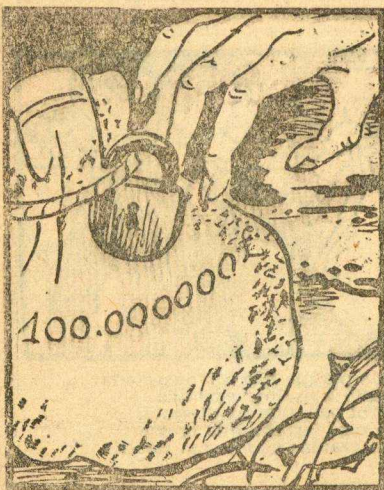
- 1 — Casação. 2 — Ribatejo.
3 — Anabela.



CHARADAS COMBINADAS

Solução das anteriores:

- 1 — Carruagem. 2 — Bicicleta.

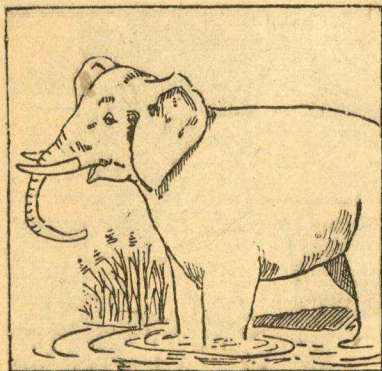
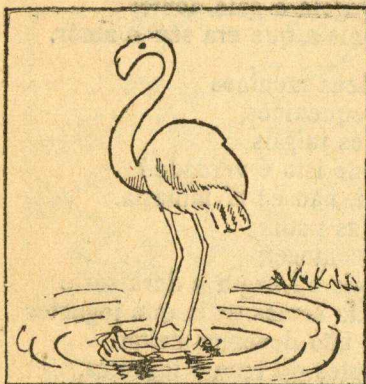


CONCURSO Aneidota hieroglífica dos BICHOS

Prosseguindo a série de gravuras representativas dos animais que constituem o nosso concurso, mais uma vez prevenimos os nossos pequeninos concorrentes de que a única condição para se ficar habilitado aos respectivos prêmios, consiste no seguinte:

— Colar as gravuras numa improvisada caderneta e designar, sob cada figura, o nome do animal representado.

Aquelas que se apresentarem com um aspecto artístico e contenham pormenorizada descrição zoológica, ficarão subordinadas a uma especial classificação, independentemente das condições gerais do concurso.



Manuscript of a cryptic anagram puzzle. It consists of numerous letters, numbers, and symbols (like a ship, a house, a bird, a clock, a box) scattered across the page. Some letters are underlined or boxed. The puzzle is a wordplay based on the animal drawings.

Manuscript text:

3am s -tu -bar -an versam n 1Kt.

-c l+d U -go -pe

sa -nco -c -o -bo que

so I -avo -o -r la XT -r na U

-RP +PR -o -m -eira -c se

a t D -r -lo P -RP +PR a -pa m

AVE for -m -c -e -c -c

REIS.Lda -c -A+ti que R

-e +a u do -RP +PR não g U

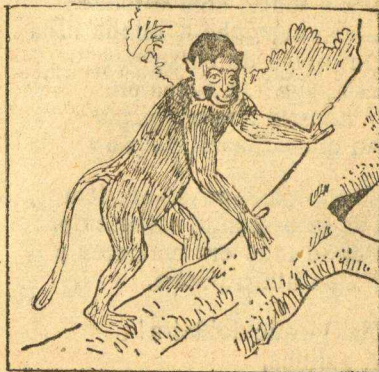
Lo. Din o 3= -c -s 6 de 1 que NÃO E

NAL U U que lhe são P +PR g

for NAL nem U que lhe são P +PR g

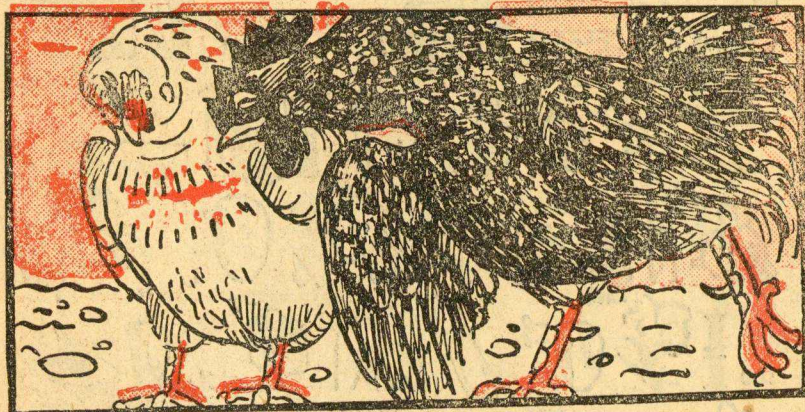
tar UU 6

Manuel Ferreira



FÁBULA

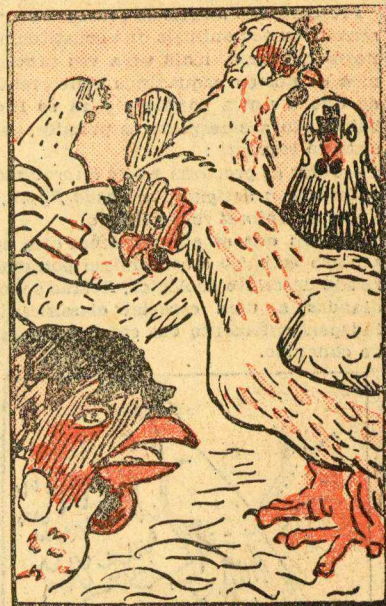
POR FELIZ VENTURA



Franguinha
Bonitinha,
Que já tinha mais de um mês,
Viu-se, um dia,
(Que alegria!)
Cortejada,
Namorada
Por certo galo pedrês,

— «Có, có, có,
Có, có, có,
Par formoso é este só!
Outro, assim, não há, não há!
Có, có, có, cá, cá, rá, cá.»

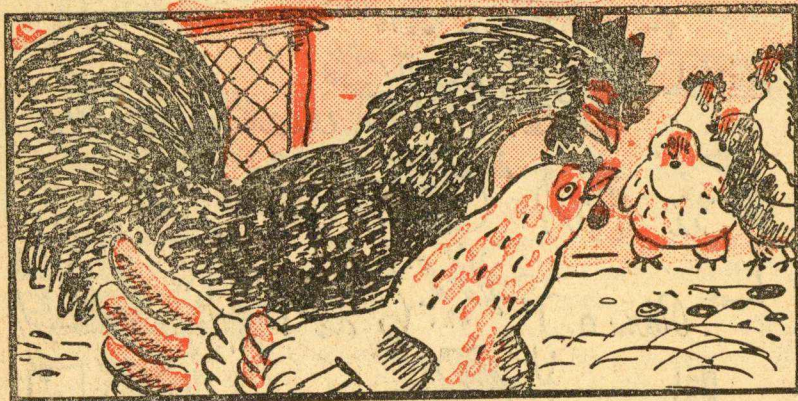
Quer de noite,
Quer de dia,



Mas um dia, o cozinheiro,
Vendo, assim, tão belo par,
Resolve, sem mais demora,
Fazer dele um bom jantar.
E certo dia — que horror! —

Saca
Duma grande faca...
Degola o galo doutor
Mais a que era seu o amor.

Meus meninos
Pequeninos,
Vós julgais
Que isto é verdade?
Ai, não é! E' fantasia.
Mas podia
Acontecer;
Pois da negra e dura sorte
Não somos mais que joguetes
E não devemos deitar
Antes de tempo foguetes.



Logo a mãe,
Velha galinha,
— Por sinal
Desde de pequena
Mais fina do que um coral —
ao saber tal novidade,
Diz a todos, com vaidade:
— «Só convinha a minha filha
Um noivo de cotação.
Este, sim! Já é doutor.
E decerto que a vai pôr
Na mais alta estimação.»

Tendo passado algum tempo,
Fez-se o grande casamento,
Pondo tudo em movimento
Na pacata capoeira.

Mas — que doideira!
A galinha,
Sem descanso,
Apregoava:

Não parava,
Não calava,
Sempre nesta gritaria:

— «Có, có, có, cá, cá, rá, cá!»
Par igual não há, não há!»

